

NÉLIDA

7-6-57

COISA triste, essa série «Eu amei Perón», assinada por Nélida Rivas, que está sendo publicada agora. A história dessa menina de 14 anos, filha de operários, que acaba indo morar no Palácio tem a melancolia de um conto de fadas — de fadas que fossem ao mesmo tempo senhoras suspeitas. É conflagradora; e esse espetáculo do ditador, já velho e gordo, a brincar de motonetas com seus brotinhos, a lhes mostrar os vestidos e jóias da falecida Eva, dá bem a medida do ridículo a que o poder conduz as pessoas fracas.

Não pensem, pelo amor de Deus, que eu seja moralista. Sou homem de vários vícios, e o digo tranquilamente; se não sou um grande pecador não será por virtude, mas por incompetência e falta de meios. Mas o que acho deprimente nessas orgias do sr. Perón é o ar excessivamente velhaco, hipócrita, que lhes emprestam certas aparências de... patriotismo. Ao pedir licença ao pai para ir morar em Palácio, a pequena Nélida assim responde às objeções do velho: «Já se esqueceu do que ele tem feito por você e pelos outros trabalhadores? Vai ser ingrato com ele? Não fica satisfeito em saber que eu o estou ajudando?».

Depois o mordomo do Palácio, por ordem de Perón, chama ao telefone o pai da moça para saber se ele autoriza mesmo Nélida a morar em Palácio. E esta resposta do velho operário depois de alguma relutância é uma tristeza sem fim: — «Está bem, se acha que está certo...».

A humilhação do pobre e do fraco diante do poderoso é de uma tristeza vil. E o comentário da moça ao saber da resposta do pai é este: «Olhei para Perón e o meu rosto se iluminou de prazer. Foi um dos momentos mais felizes de minha vida».

Conheço um número grande de histórias de corrupção aqui mesmo no Brasil, e em várias camadas sociais: no chamado «café society» então nem é bom falar... O que consegue me espantar nessa história do ditador argentino é a mistura de civismo e prostituição, de mistica e se-
vergonhice.

O que, no fundo, é bem o peronismo.